

10 – Perto do fim da jornada

A partir da decadência da Atlântida, a História das Terras Sagradas, até o início da raça mãe ariana, pode ser esquematicamente roteirizada assim, fundindo mito e realidade nas suas linhas mais gerais:

- 1) há cerca de 1 milhão de anos, a civilização atlante atingiu sua idade de ouro, com o Governo mundial de base teocrática sediado em Shamballah-na-Face-da-Terra;
- 2) a liderança espiritual atlante, tendo percebido que a disputa pelo conhecimento sacerdotal, que era a base do poder, levaria à guerra, refugiou-se nos mundos interiores;
- 3) os dois dirigentes supremos da Atlântida, chamados de Gêmeos Espirituais (um casal divinizado), retiraram-se, deixando na face de Terra os seus corpos, mas já desprovidos da essência;
- 4) os invasores entraram na Oitava Cidade, sacrificaram e devoraram ritualmente os Gêmeos na tentativa de assimilar seu conhecimento (origem da antropofagia ritual e da eucaristia ou antropofagia ritual simbólica);
- 5) a guerra atlante provocou o desvio do eixo terrestre em relação ao eixo celeste;
- 6) Vaisvávata levou grande número de sobreviventes para a meseta do Pamir, no Himalaia;
- 7) a liderança espiritual refugiada no interior da Terra organizou o Governo Oculto do Mundo e começou a trabalhar na superfície por intermédio de emissários especiais da Grande Fraternidade de Luz, os avatares (patriarcas, guias e instrutores espirituais e culturais);
- 8) ao longo de muitos milênios, o povo no Pamir foi recebendo elementos novos (espirituais, culturais, genéticos) vindos dos Mundos Interiores;
- 9) no extenso meio-tempo, os povos remanescentes da Atlântida ficaram como que “marcando passo” ou mesmo regredindo, sujeitos aos novos cataclismos que foram liquidaando com eles;
- 10) nessa vasta época, foram se acentuando as diferenciações entre línguas e crenças, desaparecendo a comunhão ou fraternidade universal e o caráter sagrado da Terra como um todo, fato que transparece no mito da Torre de Babel;
- 11) progressivamente, no Pamir, foi constituindo-se a quinta raça mãe, *ariana*, cuja primeira sub-raça, *ário-hindu*, viria a criar a civilização clássica nos vales dos rios Indo e Ganges, cabendo à segunda sub-raça, *ário-semítica*, formar o mundo árabe-judaico na Ásia Menor;
- 12) o último vestígio da Atlântida, a Ilha de Poseidonis (no Oceano Atlântico), foi destruída pelo cataclismo de há cerca de 11 mil anos (no final de Era Glacial de Würms);

- 13) com o desaparecimento definitivo da civilização atlante, abriu-se totalmente o caminho para a civilização dos arianos, que apareceu por toda parte, diversificada, pluralizada, sem uniformidade de credo e sem unidade política;
- 14) o mental da raça mãe ariana desenvolveu a capacidade de abstração, simultaneamente com a extensão, a todos os humanos, do olfato, quinto sentido desenvolvido pela espécie, a *quinta-essência*..
- 15) o pluralismo social e cultural dos arianos refletiu-se nas cidades-estados, a forma de organização política comum (ou mesmo a única) no começo dos tempos históricos;
- 16) apareceu a tendência à formação de impérios com o poder centralizado, englobando as cidades-estados, que se tornaram vassalas dos dominadores imperiais.

Convém lembrar que, na época atlante, a autoridade do governo central (oitava cidade) era integral: religiosa, filosófica e tecnológica, decorrendo daí sua supremacia política e econômica. A casta sacerdotal em torno do Imperador/Imperatriz controlava o conhecimento, a ritualística e a tecnologia, estando tudo isto entrelaçado num todo abrangente e rígido. A burocracia e o poder militar eram importantes, mas secundários na sustentação do estado de coisas. E não se pode esquecer que tudo isto se apoiava na situação ambiental e cósmica criada pelo alinhamento dos eixos do planeta.

Quando entrou em cena a quinta raça mãe, ariana, tal alinhamento já não existia. Mas a casta sacerdotal mantinha a memória objetiva do passado, quando os eixos coincidiam. Sabia disto pelos registros das escolas de iniciação e pelos contatos, dentro e às vezes fora destas, com o GOM - Governo Oculto do Mundo ou Grande Fraternidade de Luz. Por sua vez, o povo conservava no fundo da mente coletiva a memória ancestral de uma era de fraternidade geral e, decorrente, de felicidade comum. Sendo uma saudade, essa fraternidade situava-se, retrospectivamente (e continua sendo assim), em um nível muitíssimo elevado, certamente algo acima do alcançado de fato na realidade histórica.

O interesse da elite em restaurar (quer pela ânsia de domínio, quer pelo amor ao conhecimento) uma situação ideal do passado, somando-se à atávica lembrança popular da idade de ouro, marcou a história do mundo antigo a partir daí. Pode-se contá-la sob o prisma de sucessivas tentativas de resgatar o caráter sagrado da Terra e, junto com ele, o sentimento de irmandade universal.

Em benefício da evolução humana segundo os planos do GOM, os avatares vinham dos mundos interiores trazendo a missão do regenerar o sagrado, junto com as informações e os ensinamentos teóricos e práticos necessários para que a própria Humanidade pudesse mover-se nessa direção. Os avatares passaram a atuar em uma grande variedade de povos e culturas, numa convivência pacífica. Mas também havia avatares guerreiros, que instruíram e/ou conduziram suas gentes no sentido da conquista cultural/espiritual pela força das armas. Assim agiu, por exemplo, o teuto-ariano

Odin. O mesmo pode ser dito do semítico-ariano-judaico Moisés, que levou seu povo à terra prometida, obtida na guerra total contra os primitivos cananeus, que tinham outros credos religiosos. E também do semítico-ariano-arábico Maomé, que disparou o *jihad*, a guerra santa do Islam.

Do ponto de vista da geografia política global, a tentativa de ressacralizar a Terra como um todo surgiu com os construtores de impérios. E assim mesmo, não os primeiros deles. Os acadianos, sumérios, assírios e babilônios se caracterizaram pelo respeito que tinham aos costumes e crenças dos povos conquistados, aos quais impunham o domínio político e econômico, mas não o domínio cultural, psíquico e espiritual. Os egípcios formaram um império grande o bastante apenas para proteger suas fronteiras (V. logo adiante)...

O SIGNIFICADO OCULTO DA IGREJA UNIVERSAL

Sem pretender insinuar uma teoria geral da História, adotamos este enfoque, mais, como uma forma de clarear o sentido da expressão “Terras Sagradas”. Podemos sintetizar a colocação que queremos fazer, da seguinte forma: os impérios mundiais foram tentativas de recriar a **Igreja de Melki-tsedek**, isto é, a confraria ou organização fraternal de alcance mundial que chegou a existir no auge da Idade de Ouro da Atlântida.

Como já vimos, esse credo único e comum a todos os povos, embora não tenha chegado a eliminar completamente a discórdia e a guerra, chegou, sim, a criar uma sociedade mundial baseada numa vasta comunhão de expectativas e ideais. No povo em geral, tal comunhão não se fazia no plano da consciência intelectual, mas do sentimento espontâneo. Contudo, a cúpula sabia o que estava fazendo. A idéia da fraternidade geral resultava também da aura ou campo de vibração da Grande Fraternidade, a primeira magna escola de iniciação, que não tinha esse nome por acaso. É a esta unidade que chamamos de **Igreja de Melki-tsedek** no presente texto.

A situação de harmonia global na idade de ouro atlante, a maior já conhecida pela Humanidade, possível e boa para aquela época e aquele estágio de desenvolvimento humano, foi viabilizada pela situação ecológica e cósmica especial: o alinhamento dos eixos do planeta. E acabou juntamente com o seu súbito desalinhamento (P.**).

Depois da hecatombe terminal da Atlântida em Posseidonis, vários povos, sob uma série de líderes, tentaram em diferentes épocas refazer a unidade filosófica planetária. Foram tentativas feitas no planeta com os eixos não alinhados, e, portanto sem as condições ecológicas, magnéticas e cósmicas ideais.

Numa síntese sem qualquer pretensão de ser completa, podem ser citados esses impérios mundiais.

A primeira potência que se espalhou pelo mundo conhecido nos tempos históricos foi, numa sucessão, a dos acadianos, sumérios, assírios e babilônios, e sua expansão levou muitos séculos para atingir o auge. Estes povos foram continuando-se uns nos

outros, culturalmente, e sua primeira presença marcante se deu por volta de 2500 anos a.C. No máximo alcance territorial de seu poderio, eles chegaram a dominar o mundo entre o leste da bacia do Mediterrâneo e o oeste do Mar Negro, no primeiro milênio a.C. A língua não constituiu um dos traços dominantes dessa continuidade, e nem a religião (ligada aos astros, com o culto ao Sol, à Lua e às Estrelas) teve papel principal aí. Eles se caracterizaram, mais, pelos traços de seu desenvolvimento material, com a prática generalizada da agricultura em larga escala, a irrigação e um princípio de vulgarização de conhecimentos e usos, que, na Atlântida, só eram acessíveis estritamente à elite: astronomia (simultaneamente com a astrologia), códigos de direito, escrita e moeda (entre os assírios e babilônios antigos chegou a existir um sistema bancário).

Para o conhecimento acadêmico, a língua suméria é de difícil filiação, enquanto a dos assírios e babilônios, que os sucederam e continuaram, é nitidamente semítica. Mas segundo a informação esotérica, todos os povos da Mesopotâmia e adjacências são basicamente originários dos *semitas*, que eram a quinta das sub-raças atlantes (não confundir com a ário-semítica, segunda sub-raça ariana - V. acima).

Outro poderoso império da Antiguidade pré-clássica, o do Egito, não teve vocação nem alcance mundial. Os faraós (à exceção talvez de Sesostri e Ramsés II) não buscavam propriamente a expansão, mas a ampliação de fronteiras, mais como forma de garantir e manter seus núcleos territoriais originais.

No apogeu da civilização do Nilo (há uns 3500 anos), a civilização hinduísta clássica, formada pela primeira sub-raça ariana, começava a se firmar. Ela trouxe os traços culturais mais marcantes do arianismo (filosofia, literatura, artesanato artístico) - facilitados, segundo a Tradição, por um novo aparelho cérebro-espinhal-endócrino, que aumentou a capacidade de abstração do mental.

O primeiro grande confronto cultural traduzido em guerra deu-se entre os persas e os gregos antigos. Os gregos tinham-se expandido em uma vasta comunidade geográfica (praticamente toda a margem norte e leste do Mar Mediterrâneo), filosófica e religiosa que ao mesmo tempo era politicamente fragmentária. As cidades-estados completamente autônomas entre si frequentemente guerreavam umas com as outras, por questões territoriais, comerciais e até, às vezes sem motivo conhecido. Mas, mesmo em meio à guerra crônica, elas mantinham sua unidade como um império psíquico-cultural-religioso-mitológico, com festas e comemorações periódicas que congregavam a todos, como as Olimpíadas. O idioma tornou-se também um traço de união geral dos helenos (nome dos gregos antigos) e de outros povos *helenizados*. Seria uma **Igreja de Melki-tsedek** helênica.

O traço central da cultura helênica foi o humanismo, viés filosófico que colocou o ser humano no centro do sistema de valores e ideias, em lugar das velhas concepções onde os deuses (e seus representantes na Terra, reis, profetas, sacerdotes) eram os únicos seres importantes. No humanismo dos gregos, os pensadores e os artistas (arquitetos, escultores, dramaturgos) ganharam grande importância e os deuses assumiram qualidades e defeitos humanos, chegando a se acasalar com simples mortais. Estes,

por sua vez, podiam divinizar-se e tornar-se imortais pelo próprio esforço (épico, heróico, como no caso de Hércules), contando com ajuda divina. A mitologia grega era assim uma recriação (diferenciada) da mística atlante. No meio dos atlantes, chegou a haver intercuro sexual entre humanos e divinos. A grande novidade da contribuição dos gregos consistiu em que a mística sacerdotal se traduziu em mitologia popular e o intercâmbio entre deuses e humanos foi acrescido do elemento político.

Na Atlântida não havia política fora dos estreitos limites do poder sacerdotal, e o jogo da política subordinava-se rigidamente ao dogma religioso e à tradição ritualística. Já os gregos antigos firmaram o conceito de cidadania independente da estrutura teocrática. Em lugar da teocracia, surgiu a democracia (com as limitações da época, isto é, como governo não do povo todo, mas de uma elite de cidadãos, então uma minoria absoluta). Mesmo quando o poder dos cidadãos era ocasionalmente suplantado pelo mando de um indivíduo (quando então aparecia o *tirano*, um monopolizador do poder, um ditador), este surgia por dentro do jogo político mundano, profano, e não pela imposição do poder divino representado por grupo ou casta sacerdotal.

Aquelas gentes amavam sua cultura e modo de vida, sentindo-se felizes nas terras onde a mesma era adotada. Para eles, tratava-se de um território sacralizado pelo sentimento de fraternidade cultural e filosófica fundamental, que coexistia com as diferenças e disputas circunstanciais, territoriais e de classe, sobrepondo-se a elas. Tanto era assim, que as cidades da Grécia antiga deixaram todas as suas disputas de lado e uniram-se para enfrentar e rechaçar a invasão persa, do sexto para o quinto século antes da Era Cristã, defendendo o solo sagrado do Peloponeso, berço e centro da civilização helênica.

Os persas de Dario e Xerxes não se empenhavam propriamente em impor seu próprio modo de vida ao mundo, mas em impedir que o mesmo fosse completamente suplantado pelo modo de vida grego.

Alexandre da Macedônia (356-23 a.C.) foi o primeiro construtor de império a tentar reconstituir a unidade espiritual mundial pelo poderio militar.

Esse jovem rei de um pequeno país teve como conquistador a trajetória pessoal mais impressionante e rápida da História. Filho do rei Felipe foi educado por Aristóteles. Em certos círculos teosóficos, ele é considerado sem dúvida um avatara, ou no mínimo uma personalidade que recebeu a força digna de uma divindade para realizar a tarefa de ressacralizar a Terra por meio da unificação política e cultural global.

Pela força das armas, Alexandre da Macedônia levou a cultura helênica ao mundo civilizado que se estendia para o oriente. Suas conquistas abrangeram vastos territórios a leste e sudeste da Macedônia. A oeste tinha-se iniciado a formação da civilização romana clássica. Influenciados por muitas colônias gregas, os romanos, que tinham tido um berço cultural próprio, a partir dos etruscos, já estavam helenizando-se. O fato de Alexandre tê-los deixado em paz, voltando-se para o outro lado, reforça a indicação de que seu objetivo era mesmo unificar o mundo culturalmente.

O mais significativo, do ponto de vista do programa evolucionar na época, consistia em que Alexandre da Macedônia era rei sem ser sacerdote. O império que ele criou e o estado praticamente mundial que implantou eram laicos (oficialmente desligados da religião), tendo sua liga não na religião nem no clero, mas na cultura. Mesmo havendo seu legado político durado apenas alguns anos após sua morte (aos 33 para 34 anos), a influência filosófica e mitológica do helenismo nas regiões conquistadas deixou marcas profundas e duradouras.

O império alexandrino estendeu-se do sudeste da Europa por todo o Oriente Médio e Próximo, chegando ao Rio Indo, na Índia, abrangendo o Egito e o Norte da África. Em 336, ao assumir o trono (com 20 anos de idade), ele já encontrou uma base territorial inicial, formada pelo pai Filipe, que unificara a Macedônia e a Grécia pela força militar. Em 334 a.C., Alexandre, cruzou o Helesponto, estreito marítimo que separa a Europa da Ásia. Em 323, entre os 12 e os 13 anos de reinado, quando morreu pouco após completar 33 anos, tinha formado e organizado politicamente aquele vasto império. Sua obra político-militar e administrativa é espantosamente grande para ter sido realizada em período tão curto, daí a crença geral de que ele foi inspirado, apoiado e ajudado por poderes superiores.

Seja como for, o caráter mundano, laico, sem compromisso com a religiosidade institucional, portanto sem ligação com a casta sacerdotal, longe da imagem do rei-sacerdote, foi o traço mais nítido de Alexandre.

Esse perfil iria acentuar-se entre os romanos, herdeiros culturais e sucessores imperiais dos helenos. Entre os romanos, a influência religiosa ou mística na definição das linhas de poder era praticamente inexistente, a ponto de se fazer a sucessão do imperador, mais das vezes, em função do jogo político-militar e até sem conotação hereditária.

Contudo, mesmo no império que ficou com a imagem de ter sido o mais mundano de todos - o império romano -, o sentimento do transcendental se fez originalmente presente na lenda de Rômulo e Remo.

Recém-nascidos e abandonados na Natureza, os fundadores de Roma foram amamentados por uma loba. Na Tradição ocultista, Rômulo e Remo eram um casal de origem divina. No simbolismo da lenda, a loba romana representa a Mãe-Natureza no seu lado feroz, violento, impositivo. Daí, certamente, a raiz da máxima romana criada por Plauto, *homo homini lupus*, “o homem é lobo para o homem”. Diferente da civilização atlante, a civilização romana seria universalizada não pelo poder mágico-sacerdotal em primeiro lugar, mas primordialmente pela força das armas (aliada à força cultural).

Ao mesmo tempo que, no Oriente, Alexandre realizava suas conquistas como um rei supremo que não era sacerdote, no Ocidente europeu os romanos também se expandiam, e entre eles a índole não-religiosa era ainda mais explícita. O poder político tinha por base o senado aristocrático onde a influência sacerdotal era inexistente.

Mais tarde, entre os primeiros imperadores romanos, a partir de Augusto (na virada para o primeiro século da Era Cristã), o poder político, econômico e militar do monarca contagiou-se com a tradição atávica oriental do rei-sacerdote. Otávio Augusto foi ritualmente divinizado em vida. Alguns de seus sucessores mais desvairados - Nero, Calígula - se autoproclamavam encarnações divinas, embora no sentido mais pagão, mundano e material. Os césares, os nobres e os generais sacrificavam ritualisticamente aos antigos deuses do Olimpo, herdados dos gregos com outros nomes, com um sentido prático, utilitário.

Mas isto não chega a esconder o fato de que, em uma linha de continuidade com a experiência de Alexandre da Macedônia, o império romano formou-se com inspiração mais diretamente “humana” (no sentido de profana, não sagrada) pela guerra de conquista. Os césares foram bem diferentes do imperador macedônico porque, para eles, a uniformização do mundo pela cultura e a concepção de vida tinha importância secundária. O principal era o interesse de dominação política, territorial e econômica, com base na força militar.

Mas em pouco tempo o paganismo foi superado e o cristianismo tornou-se a religião oficial dos césares. Isto foi facilitado por vários fatores, sobressaindo-se que, entre a soldadesca das legiões, predominava o culto ao deus Mitra. Esta divindade, muito antiga, formara-se por uma fusão de crenças ocidentais e orientais, passando a representar um embrião ou base romana do monoteísmo cristão.

Deste modo, em nível ora explícito, ora indireto, a mística da influência de uma vontade superior sobre os construtores de impérios tem atravessado as eras. Passando-se ao mundo medieval que sucedeu o mundo romano, a fonte filosófica do poder mundano era a vontade divina expressa por uma **igreja universal** então vista como um fato concreto: a igreja cristã no Ocidente europeu denominou-se “católica”, palavra que significa, exatamente, “universal”, com sede em Roma, a sede européia do poder cultural. A outra igreja cristã que constituiu a base religiosa do império romano do oriente, com sede em Bizâncio/Constantinopla, também era “universal” no seu próprio território. No fundo e no conjunto, tratava-se da tentativa de reprodução da comunidade espiritual que marcou o apogeu atlante.

Em plena Idade Média, a supremacia do poder lastreado nas igrejas cristãs foi contestada por outro poder de fonte diretamente religiosa, o Islamismo. Significativamente, o fundador da religião islâmica, Maomé, é, para o Ocultismo, um avatara, um emissário dos mundos interiores - como o foram Moisés, Jesus, Buda. O próprio Allan Kardec, criador do Espiritismo, um ramo do Cristianismo, foi também um emissário, em outro nível, como Adepto, isto é um membro graduado da Grande Fraternidade que se originou, como vimos, na interseção Lemúria/Atlântida. Assim, o império muçulmano também teve inspiração religiosa, e nele esta foi muito marcante, tanto que suas conquistas se fizeram sob a égide de *Jihad*, a guerra santa contra os *infieis*, os não-muçulmanos.

FLAGELOS DE DEUS NA FACE DA TERRA

Perto do final da Idade Média, no século XIII (anos 1200), um outro movimento de conquista mundial teve também inspiração espiritual, embora bem menos evidente que a islâmica. Por sua natureza, pode ser chamada de místico-religiosa. O império mongol foi construído pela força das armas sob a liderança de Genghis Khan (1167-1227), que o Ocultismo considera uma espécie de avatara da transformação pelo rigor e a violência, uma espécie de anjo exterminador, o castigador da estagnação e corrupção filosófica que tinha se apossado do mundo cristão, muçulmano e budista. Cabe lembrar que algo semelhante já havia acontecido oito séculos antes, nos anos 400 d.C., na invasão dos hunos comandados por Átila. Os europeus na época apelidaram de “o Flagelo de Deus” esse chefe de guerra de baixa estatura, quase um anão. Tal como os mongóis no século XIII, os hunos, no século V, penetraram fundo em terras da cristandade. Tanto uns como outros tiveram como ponto de partida seus respectivos territórios na Ásia Central. Suas tentativas podem ser vistas como fazendo parte do Programa do GOM, que por intermédio deles promovia uma “limpeza da área”, tendo em vista os grandes desvios de rota na linha da recriação de uma comunidade (igreja) universal.

Pode causar estranheza que a presença do GOM na face da Terra se fizesse pela via guerreira, e que seus aqueles seus dois emissários se apresentassem como castigadores da Humanidade. A expressão “o flagelo de Deus” tem um duplo sentido, designando aquele que flagelava (os seguidores de) Deus, sendo também um castigo vindo de Deus.

Veja-se o título do conquistador mongol, “Genghis Khan”. A origem de Temujin (seu nome pessoal), tido como nascido em 1167, filho de um chefe tribal da Mongólia, no coração da Ásia central, mergulha numa atmosfera lendária. Já na infância e juventude houve sinais que o apontavam como um predestinado. No cotidiano, no meio de seu povo nômade, ele sempre sabia onde estava a caça, a água, o perigo e o inimigo.

O mito de que Temujin gozava de uma cobertura transcendental misteriosa, crença esta veiculada por um antigo livro anônimo intitulado “**História Secreta dos Mongóis**” (citado no volume “**The Times Atlas of World History**”, Londres, 1988), é reforçado pelo fato de que sua primeira liderança abrangia apenas um clã pobre de sua gente. Em muitos anos de luta, Temujin superou todos os rivais, reunindo inicialmente uma força combatente de 20 mil homens.

Do ponto de vista objetivo, parece inexplicável como um chefe guerreiro gerado numa sociedade “primitiva” fosse capaz de se revelar um gênio militar capaz de obter o máximo de rendimento de sua pequena tropa original. Temujin ganhava as batalhas pelo planejamento, a organização e a audácia. Por volta de 1206, os povos das estepes mongólicas e tártaras, unificados por ele, atribuíram-lhe o título de Genghis Khan, significando “chefe universal”. Já então chefiando centenas de milhares de guerreiros, com a melhor e mais aguerrida cavalaria do mundo, ele invadiu o norte da China, ultrapassou a Grande Muralha e capturou Pequim em 1215. Entre 1216 e 1223, arrasou o império muçulmano do Khwarizm, no território correspondente à parte central da atual Rússia asiática, e investiu para oeste, no rumo da Europa.

O impacto da conquista mongol foi formidável. Depois da morte de Genghis Khan (em 1227) seus descendentes prosseguiram na conquista e as hordas mongóis chegaram a penetrar nos reinos cristãos da Europa Central.

Em ambas as ocasiões, tanto na invasão mongol como na dos hunos, a crença de que a força mágica da igreja formal era suficiente para garantir o caráter sagrado e portanto a invulnerabilidade da civilização cristã, sofreu grande desgaste.

No Século V, a investida dos hunos abriu ainda mais o caminho forçado pelas invasões dos vários povos bárbaros pagãos, que aceleraram queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.), disparando a transformação de mentalidade que levaria à Idade Média.

No Século XIII, por sua vez, a maré mongol por pouco deixou de engolfar de vez a Europa (mais exatamente pela morte, em 1240, do Grande Khan Ogedei, um descendente e sucessor de Genghis Khan. Os mongóis dominaram a maior parte da Rússia européia, invadiram a Polônia e a Hungria e chegaram às portas da Alemanha. Mesmo tendo durado pouco tempo e sido detida na entrada no continente europeu, a avalanche dos guerreiros das estepes asiáticas ajudou a abrir, pela enorme abalo no fechado espírito da época, o caminho para a revolução cultural trazida pela Renascença.

Neste texto, o que estamos procurando é indagar, de forma necessariamente esquemática, se por trás dos construtores de impérios encontrava-se, em nível ora subjetivo, ora objetivo, ora em uma mescla, a inspiração do Governo Oculto do Mundo. O objetivo maior deste consistia em formar uma nova unidade espiritual mundial, reconstituindo, em outro nível, a comunidade planetária existente na Idade de Ouro atlante.

Sendo este um texto que lida com uma realidade misteriosa, lendária, pode-se e até deve-se recorrer a dados e interpretações refugadas pela mentalidade estritamente racionalista. Aplicando-se o que seria considerado um não-método, algo próximo da liberdade poética, é possível identificar nos nomes “Genghis Khan” e “huno”, elementos de neuro-lingüística que resultam reveladores, embora possam ser tomados por ingenuidade ou arbitrariedade intelectual.

Veja-se o conteúdo místico e oculto do nome **huno**, tão indicativo de uma vocação globalizante quanto o título de Genghis Khan ou “chefe universal”. Em **huno**, a letra **h** não chega a ocultar a palavra “**uno**”. Em latim, dizia-se “**huni**”, que pode ser entendido como a forma genitiva **uni**, significando “**do uno**”, isto é, comprometido com a unidade ou universalidade. Assim, o interesse de recriar a igreja (no sentido de comunidade espiritual universal) está presente no conteúdo histórico desses dois conquistadores separados no tempo por quase mil anos, Átila e Genghis Khan.

O que se deve admitir - em nome da compreensão da aparente incongruência desses personagens - é que, nas duas épocas mencionadas, a violência bélica parecia ser uma maneira rápida e eficaz de promover a transformação evolutiva desejada pelo Programa Cósmico. O viés da guerra já vinha dominando anteriormente o mundo, há séculos. No tempo dos hunos, o Império Romano, embora já decadente, ainda era sus-

tentado pela brutalidade armada e a escravidão. Oitocentos anos depois, no tempo dos mongóis, o poder dos senhores da Idade Média sustentava-se às custas da truculenta dominação sobre o povo, que era coagido à miséria e à servidão em nome, inclusive, da crença religiosa. Internamente, na maior parte dos reinos ditos cristãos, imperava a irracionalidade cruel e policial da Inquisição, que chegou a se arrogar o nome de “Santa”. As maiores atrocidades eram cometidas em nome de Deus. Principalmente, a superstição, a mentira e a ignorância sistêmica encobriam uma desenfreada injustiça social e a desvairada deterioração do psico-mental, corrompendo o raciocínio, as emoções e, com estes, o comportamento da quase totalidade das pessoas, a começar pelos governantes. Tudo a pretexto e sob o disfarce da fé religiosa.

O desenvolvimento do mental como base para o ganho de consciência é o maior dos valores evolucionais do ser humano. A Terra e nenhuma parte dela têm como ser sagradas (isto é, sadias do ponto de vista evolutivo), encontrando-se o mental em estado de estagnação acompanhada de decomposição.

Em outro plano, a conquista mongol promoveu a ligação do Ocidente com o Extremo Oriente. As gentes governadas por Genghis Khan e seus sucessores tinham por religião um tipo de xamanismo, onde as forças da Natureza, personificadas em espíritos bons e maus, eram controladas pelos xamãs (*xamã*, etimologicamente, “esconjurador, exorcista”). Os conquistadores mongóis foram absorvendo as grandes religiões dos povos conquistados, principalmente o Islamismo, o Budismo e, em menor escala e com o passar do tempo, o Cristianismo.

Do Himalaia, as hordas mongólicas e tártaras levaram para a Mongólia o budismo lamaísta. Isto ocorreu antes que o processo de deturpação gradual, verificado no Tibete (cap., p. *), acabasse por transformar o lamaísmo tibetano em um tipo de vulgarização xamanista do budismo esotérico. Já na Mongólia formou-se uma nova rama de Budas-Vivos que conservaram a pureza da Tradição ligada aos Mundos Interiores e aos avatares, até a terceira década do século XX. Portanto, pode-se dizer hoje que a conquista mongol do século XIII funcionou como ponte para essa transposição da tradição do GOM, do Himalaia para a Mongólia.

Naquele remoto e isolado país, sua capital, Uрга, passou a ser a Terra Sagrada por excelência, até a fase final da predominância espiritual do Oriente, no início do século XX. Então essa predominância transferiu-se para Ocidente, da forma resumida a seguir.

Em 1911, os príncipes mongóis criaram uma monarquia independente da dinastia manchu que dominava a China e caíra naquele ano. O trono mongol foi entregue a Sua Santidade Bogdo Gegen, o Buda Vivo de Uрга, tendo uma parte do país, chamada de Mongólia Interior, permanecido sob controle chinês.

Em 1919-21, a China tentou recuperar o controle de toda a Mongólia. Isto aconteceu em seguida à Revolução Soviética, mas os chineses foram derrotados pelo Exército Vermelho. A Mongólia Exterior reconfirmou sua independência.

Só quando o Buda Vivo veio a falecer, em 1924, é que foi proclamada a República Popular da Mongólia, com regime e governo comunistas. Significativamente, com todo o seu materialismo, os bolchevistas respeitaram formalmente o lamaísmo e a monarquia teocrática mongol enquanto Bogdo Gegen ocupou o trono.

Segundo Henrique José de Souza, a data do desaparecimento do último Buda Vivo da Mongólia marcou também a transferência da liderança espiritual mundial, na linha da Tradição do GOM, do Oriente para o Ocidente - e neste, especificamente o Brasil, daí o status sagrado desta terra, do ponto de vista ocultista.

Tal transferência realizou-se juntamente com uma transformação geral e profunda no significado do próprio espiritualismo. No que diz respeito ao conceito de “sagrado”, ganhou mais força a conotação de “sadio”, refletindo a preocupação maior da cultura ocidental com as repercussões do mundo das idéias no mundo dos fatos, e vice-versa. Para a mentalidade ocidental, o conceito de sagrado teria mesmo de ser diferente do conceito oriental, a começar (de forma surpreendentemente trivial, prática) pela questão do saneamento básico.

A moderna cultura ocidental, que descobriu a existência dos micro-organismos e consagrou a ideia de higiene (primeiro pessoal e depois ambiental), jamais consideraria sagrada uma coisa ou região poluída, como ficou sendo, por exemplo, o Ganges, o rio emblemático do hinduísmo, transformado, ao longo dos séculos, em uma gigantesca cloaca. Nas águas do Ganges, que atravessa a Índia de norte a sul e é o esgoto de incontáveis cidades, vilas e aldeias, o religioso hindu mergulha contritamente em banhos de “purificação”.

Também, no Ocidente, ganhou corpo ao longo do Século XX a ideia de uma “ecologia social”, completamente estranha à velha mentalidade do Oriente - muito presente. Aliás, no panorama dos costumes da classe nobre hindu, no plano da devoção.

Os marajás e os fidalgos em geral casavam os filhos quando a moça estava com 13 para 14 anos e o rapaz com 15 para 18. Uma vez casados, os pais entregavam-lhes a administração dos bens materiais (terras, rebanhos) e se retiravam para algum santuário a fim de completar sua iniciação. O jovem casal repetia esse padrão de comportamento: casava os próprios filhos naquela idade e por sua vez se retirava. Para sustentar o nível de conforto material que lhes servia de base ao conforto espiritual, os nobres e ricos mantinham o povo no trabalho, na escassez e na miséria. Tal situação perdurou pelos séculos dos séculos e, misturada com outros fatores de ordem religiosa e tradicional, levou a Índia ao que é hoje, como vem sendo há milênios: um país socialmente inviável, onde a “ecologia social” de há muito “foi para o brejo” - brejo este simbolizado no próprio Ganges, como se viu.

No Ocidente moderno, com a Revolução Francesa e o Código Napoleônico, implantou-se a base dos direitos humanos almejando a superação dos abismos sociais e políticos. Por cima de contradições, conflitos e dificuldades, este processo vem avançando, tendo passado pela experiência socialista radicalizada no comunismo. Há um inegável esforço humano de “despoluição” institucional e “descontaminação” político-

social, com marchas e contramarchas, mas numa direção geral que aponta para o oposto dos absurdos sistemas de privilégios do passado.

UM NOVO CONCEITO DE TERRA DA PROMISSÃO

Na mesma linha, a concepção de “terra da promessa” ou “terra prometida” já não tem como manter seu sentido atávico. A globalização da civilização vista como uma tendência natural e não como uma ideologia, conduz ao fim mais ou menos próximo das fronteiras nacionais - primeiro econômicas e logo políticas. Essa globalização decorre não do desejo ou da vontade, muito menos do programa deste ou daquele partido ou facção, mas do processo social mesclado com o desenvolvimento científico e tecnológico. Corresponde à inclinação do programa evolucionar do GOM no sentido da geração das condições para uma nova idade de ouro no planeta. Se a sociedade humana anseia por isso, e para alcançá-lo, como ocorreu na Atlântida, necessita de uma cultura de âmbito planetário, a globalização em curso pode ser vista como um primeiro passo.

O avião, a telecomunicação pelo satélite artificial, as transmissões de TV em escala mundial, a informática e a internet, em conjunto, estão imprimindo também um outro significado às profecias sobre a “morte das nações”. Não se trata mais de hecatombes naturais ou sociais, pestes e guerras que viriam dizimar as populações e seus governos, mas simplesmente do desaparecimento, por desnecessidade e desuso, das alfândegas e quartéis de fronteira. Com todas as suas eventuais contramarchas e os atrasos possíveis, esta é uma persistente tendência mundial.

De tudo isto decorre a superposição, anotada no início deste livro, da tradicional idéia religiosa de “terra sagrada” com a moderníssima idéia de “santuário ecológico”.

Feitas estas colocações, é importante deixar bem claro que os conceitos de “terra sagrada” e “terra da promessa” não desapareceram, e sim mudaram. Perderam o conteúdo dogmático e exclusivista, ganhando abertura e superando o sectarismo. Hoje, com a velocidade e facilidade das viagens de longa distância e das telecomunicações, entram em decadência os valores do bairrismo filosófico e religioso, dando lugar à ascensão da tolerância e do ecumenismo.

Um dos grandes canais objetivos destas transformações é o turismo ecológico, do qual o turismo esotérico deve ser visto como um ramo. A crescente afluência de pessoas aos santuários ecológicos, aos parques naturais e às regiões onde ainda se preserva a Natureza tem a ver com a busca do sadio como um caminho tão bom quanto o espiritual. Os dois, aliás, se fundem em um só. Na modernidade, os lugares santos/sadios são emblemas da consciência emergente onde a Humanidade e a Mãe-Terra querem e precisam formar um todo harmonioso.

*

O movimento esotérico brasileiro que mais importância atribui à situação geográfica, à definição das Terras Sagradas como sendo certos pontos no mapa, com referências

e desdobramentos no plano simbólico, transcendente e mágico, é a Eubiose. Esta escola de iniciação trabalha três regiões no Brasil, cada qual com oito cidades, sendo uma delas a referência central do conjunto, que é chamado de Sistema Geográfico, havendo, portanto, três deles: Sul de Minas, Mato Grosso e Bahia.

Segundo a Eubiose, esses três sistemas funcionam como “embocaduras” ou portais (mais dimensionais do que “físicos”) para os Mundos Interiores, entre a superfície e o âmago da Terra, onde se encontra o Reino de Agartha. Para o fundador da Eubiose, Henrique José de Souza, é nessas e por essas ligações, num intercâmbio, que se vai realizando o processo de universalização do mental e da civilização, tendo em vista o futuro e próximo início do surgimento de uma nova Idade de Ouro.

No modo de dizer ocultista, a Idade de Ouro não pode vir na ausência de uma verdadeira **igreja universal**. Daí o persistente interesse da Humanidade por uma nova **igreja** - que em função das transformações evolucionais precisa ser reengenhada.

Esta reengenharia visa superar a sectária tendência místico/religiosa que ao longo dos milênios contaminou grande parte do movimento espiritualista, e contra a qual esse próprio movimento vem reagindo. É firmemente crescente a noção de que a vida espiritual e a vida material guardam relações que não podem ser negligenciadas sem prejuízo para ambas.

A nova tendência geral propõe uma comunidade espiritual homogênea, mas aberta, unitária mas ecumênica, segundo as grandes linhas da trama do GOM, numa síntese que configura o capítulo final da presente fase da História - e deste livro.